VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE BULLYING, CYBERBULLYING E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

RAQUEL VERTEJO PEREIRA

RESUMO
A violência no ambiente escolar é um fenômeno complexo que compromete o processo educativo, a convivência escolar e o bem-estar dos envolvidos. Este artigo analisa formas de violência escolar, com ênfase no bullying e no cyberbullying, bem como o papel do professor mediador na gestão e prevenção de conflitos. Além disso, aborda aspectos legislativos relacionados ao tema e apresenta perspectivas teóricas de pesquisadores renomados. Por fim, propõe reflexões sobre práticas que promovam uma cultura de paz no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: violência escolar, bullying, cyberbullying, mediação de conflitos, legislação.

RESUMEN
La violencia en el entorno escolar es un fenómeno complejo que afecta el proceso educativo, la convivencia escolar y el bienestar de los involucrados. Este artículo analiza las formas de violencia escolar, con énfasis en el acoso escolar (bullying) y el ciberacoso (cyberbullying), así como el papel del docente mediador en la gestión y prevención de conflictos. Además, aborda aspectos legislativos relacionados con el tema y presenta perspectivas teóricas de investigadores reconocidos. Finalmente, propone reflexiones sobre prácticas que promuevan una cultura de paz en el entorno escolar.

PALABRAS CLAVE: violencia escolar, acoso escolar, ciberacoso, mediación de conflictos, legislación.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de formação acadêmica e cidadã, deve ser um ambiente seguro e acolhedor. No entanto, a ocorrência de violência nesse contexto tem se tornado um problema recorrente, impactando o desempenho escolar, a saúde mental e a qualidade das relações interpessoais. O bullying e o cyberbullying são manifestações de violência que merecem destaque, devido à sua abrangência e aos danos que podem causar às vítimas. Segundo Olweus (1993), o bullying envolve ações repetitivas e intencionais, com desequilíbrio de poder entre as partes.

Neste cenário, o papel do professor mediador emerge como essencial para prevenir e gerir conflitos. Este artigo busca compreender as diversas facetas da violência escolar, discutindo legislações e práticas que promovam um ambiente educacional mais harmonioso.

A violência no ambiente escolar não se limita apenas às agressões físicas. Insultos verbais, isolamento social e a disseminação de boatos também constituem formas de violência psicológica que podem ter efeitos devastadores sobre as vítimas. Além disso, a evolução tecnológica trouxe o cyberbullying, que transcende os limites físicos da escola e invade o espaço virtual, dificultando ainda mais a identificação e o combate a essas práticas. A exposição constante a conteúdos humilhantes nas redes sociais amplia o sofrimento e pode levar ao isolamento, à baixa autoestima e até mesmo a quadros de depressão.

A legislação brasileira possui dispositivos que visam combater a violência escolar. A Lei nº 13.185/2015, por exemplo, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), estabelecendo diretrizes para prevenção e combate a essas práticas. Contudo, apenas a existência de leis não é suficiente. É fundamental que as escolas implementem projetos pedagógicos que promovam a cultura de paz e incentivem a convivência respeitosa entre os alunos.

O papel do professor mediador, nesse contexto, vai além de simplesmente intervir em situações de conflito. Ele também atua como um agente formador de valores, promovendo a empatia, o diálogo e a resolução pacífica de problemas. Para isso, é essencial que os educadores recebam formação continuada, que inclua ferramentas para lidar com conflitos e identificar sinais de violência, tanto física quanto psicológica. Além disso, a colaboração com as famílias e a comunidade

é um elemento-chave para a construção de um ambiente escolar mais seguro.
Estudos mostram que escolas que investem em programas de prevenção à violência têm resultados significativos na redução de incidentes. A implementação de rodas de conversa, grupos de apoio e atividades que promovam a inclusão e a diversidade pode transformar a dinâmica escolar, reduzindo os casos de bullying e fortalecendo os laços entre os alunos.
Por fim, é imprescindível que o combate à violência escolar seja uma prioridade compartilhada por todos os atores envolvidos no processo educacional. Diretores, professores, pais e alunos devem trabalhar em conjunto para criar um ambiente onde todos se sintam respeitados e seguros. Somente assim será possível transformar a escola em um verdadeiro espaço de formação cidadã e acadêmica, comprometido com o desenvolvimento integral de seus alunos.

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência escolar pode se manifestar de diferentes formas, como agressões físicas, verbais, psicológicas e simbólicas. De acordo com Silva (2010), a violência escolar é um reflexo de fatores sociais, econômicos e culturais que transcendem os muros da escola. Esses atos comprometem o processo pedagógico e demandam ações conjuntas entre escola, família e sociedade.

PRINCIPAIS TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Os principais tipos de violência que ocorrem no ambiente escolar podem ser classificados como:
1. Violência Física: Envolve agressões corporais, como empurrões, socos, chutes e brigas entre estudantes. Essa forma de violência pode causar danos físicos graves e contribuir para um clima de medo na escola.
2. Violência Verbal: Caracteriza-se pelo uso de insultos, ameaças, xingamentos e expressões que humilham ou desrespeitam o outro. É uma forma de violência psicológica frequentemente subestimada, mas com impactos significativos na autoestima e no bem-estar das vítimas.
3. Violência Psicológica: Inclui ações que provocam sofrimento emocional, como intimidação, exclusão social e manipulação. Essa forma de violência pode ser sutil e de difícil identificação, mas gera consequências profundas, como ansiedade e depressão.
4. Violência Sexual: Refere-se a comportamentos de assédio, abuso ou exploração sexual que podem ocorrer no contexto escolar. Esses atos são gravíssimos e demandam intervenções rápidas e eficazes.
5. Violência Simbólica: Trata-se de atos que reforçam desigualdades e preconceitos, como discriminação de gênero, etnia, classe social ou orientação sexual. Essa forma de violência muitas vezes está enraizada na cultura escolar.
6. Cyberbullying: Uma extensão da violência escolar para o ambiente virtual, envolvendo ações como disseminação de rumores, exposição de imagens pessoais e mensagens ofensivas em redes sociais ou outras plataformas digitais.

IMPACTOS EMOCIONAIS E PSICOLÓGICOS

A violência no ambiente escolar exerce impactos profundos no emocional e no psicológico de estudantes e professores. Para os estudantes, a exposição a atos de violência pode gerar sentimentos de medo, insegurança e baixa autoestima. Estudos apontam que as vítimas frequentemente desenvolvem problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e dificuldades de socialização (Fante, 2005). A violência pode também comprometer o desempenho acadêmico, uma vez que o estresse causado por essas situações afeta a capacidade de concentração e aprendizagem.
Para os professores, lidar com a violência escolar pode provocar desgaste emocional e síndrome de burnout. A sensação de impotência diante de situações de conflito e o aumento da pressão para gerenciar comportamentos disruptivos são fatores que contribuem para o estresse ocupacional. Além disso, professores também podem se tornar alvos de violência, o que agrava ainda mais o impacto no ambiente escolar como um todo.

BULLYING E CYBERBULLYING

O bullying é caracterizado por ações repetitivas de intimidação, exclusão e humilhação. Esse fenômeno ganhou novas dimensões com a era digital, originando o cyberbullying,

que ocorre em plataformas virtuais. Segundo Fante (2005), o cyberbullying amplia o alcance do bullying tradicional, aumentando sua intensidade e dificultando o controle pelos educadores.

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA

A mediação de conflitos é uma estratégia essencial para lidar com situações de violência. De acordo com Castro (2011), o professor mediador atua como um facilitador, promovendo o diálogo entre as partes envolvidas e incentivando soluções pacíficas. Essa abordagem fortalece as relações interpessoais e contribui para um ambiente escolar mais colaborativo.

Exemplos de conflitos resolvidos por mediadores incluem casos de brigas entre estudantes que foram solucionados por meio de reuniões mediadas, onde ambas as partes puderam expor suas perspectivas e encontrar soluções conjuntas. Outro exemplo envolve a intervenção em situações de cyberbullying, com o mediador facilitando o diálogo entre a vítima e os agressores, promovendo a conscientização sobre os danos causados.

A MEDIAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA SUPERAR A VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência no ambiente escolar é uma realidade enfrentada em diversas instituições de ensino. Questões como bullying, agressões físicas e verbais, e disputas interpessoais podem gerar um ambiente de tensão que prejudica o aprendizado e o bem-estar de alunos, professores e funcionários. Nesse contexto, a mediação tem se mostrado uma ferramenta eficaz para transformar conflitos em oportunidades de diálogo e aprendizado.

Exemplo 1: Bullying entre colegas

Em uma escola de ensino fundamental, um grupo de alunos vinha praticando bullying contra um colega mais introvertido, ridicularizando sua aparência e desempenho escolar. O mediador, ao ser informado da situação, reuniu as partes envolvidas em um ambiente neutro e seguro. Durante a conversa, ele incentivou os agressores a refletirem sobre os sentimentos de seu colega e o impacto de suas ações. Com o diálogo, os alunos entenderam as consequências do bullying, pediram desculpas e firmaram um compromisso de respeito mútuo. Para garantir a eficácia da solução, o mediador sugeriu atividades de integração, como dinâmicas em grupo, que fortaleceram os laços entre os alunos.

Exemplo 2: Conflito entre professores e estudantes

Em uma escola de ensino médio, um professor enfrentava dificuldades para manter a disciplina em sala de aula, gerando tensão com os estudantes. Alguns alunos passaram a responder de forma agressiva, criando um ciclo de desentendimentos. O mediador interveio, promovendo reuniões separadas com o professor e os estudantes para entender suas perspectivas. Depois, organizou um encontro conjunto, onde todos puderam expressar suas preocupações. O diálogo levou à criação de novas regras de convivência, acordadas por ambas as partes, resultando em um ambiente mais harmonioso e produtivo.

Exemplo 3: Agressão física entre alunos

Em um caso mais grave, dois alunos se envolveram em uma briga no pátio da escola devido a desentendimentos anteriores. Após o incidente, o mediador ouviu ambos os lados separadamente, compreendendo os motivos do conflito. Em seguida, conduziu uma sessão conjunta, focando no impacto do comportamento violento e na busca de soluções para prevenir novos episódios. Os alunos chegaram a um acordo, assumindo a responsabilidade por seus atos e se comprometendo a manter uma convivência pacífica. Além disso, a escola desenvolveu campanhas de conscientização sobre a gestão de conflitos e a importância do respeito. Esses exemplos destacam o papel crucial da mediação escolar como meio de enfrentar e resolver conflitos, promovendo um ambiente mais saudável e inclusivo. Por meio do diálogo, da empatia e do respeito, é possível transformar situações de violência em oportunidades para construir relações mais fortes e conscientes.

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA: UM CAMINHO PARA RELAÇÕES MAIS SAUDÁVEIS

A Comunicação Não Violenta (CNV) é um método desenvolvido pelo psicólogo Mar-

shall Rosenberg que busca promover interações mais respeitosas, empáticas e eficazes entre as pessoas. Baseada em princípios de compaixão, autenticidade e respeito mútuo, a CNV é amplamente utilizada em contextos pessoais, profissionais e sociais para resolver conflitos, fortalecer vínculos e melhorar a qualidade das relações.

OS QUATRO COMPONENTES DA CNV

A prática da Comunicação Não Violenta é estruturada em quatro componentes principais:

1. Observação sem Julgamento

Consiste em descrever os fatos de maneira neutra, sem emitir julgamentos ou interpretações pessoais. Por exemplo, em vez de dizer "Você nunca me escuta", seria mais produtivo afirmar: "Nas duas últimas vezes em que tentei conversar, percebi que você estava olhando para o celular".

2. Expressão dos Sentimentos

Identificar e compartilhar os sentimentos genuínos que surgem em resposta a uma situação. Em vez de culpar, é útil dizer algo como: "Eu me sinto ignorado quando não recebo sua atenção".

3. Identificação das Necessidades

A CNV sugere que todos os conflitos surgem de necessidades não atendidas. Ao comunicar essas necessidades, cria-se um espaço para entendimento mútuo. Por exemplo: "Eu preciso de mais conexão em nossas conversas".

4. Formulação de Pedidos

É essencial fazer pedidos claros e específicos, em vez de exigências. Um exemplo seria: "Você poderia guardar o celular enquanto conversamos, por favor?"

BENEFÍCIOS DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

A prática da CNV traz uma série de benefícios, como:

- Redução de Conflitos: Facilita a resolução de desentendimentos ao evitar acusações e promover a escuta ativa.
- Fortalecimento de Relacionamentos: Constrói conexões mais autênticas e empáticas.
- Desenvolvimento de Consciência Emocional: Ajuda as pessoas a reconhecerem e expressarem seus sentimentos e necessidades de forma saudável.

APLICAÇÕES DA CNV

A CNV pode ser aplicada em diversos contextos, como:

- Ambiente de Trabalho: Para melhorar a comunicação entre colegas e gerenciar conflitos.
- Relacionamentos Pessoais: Para criar um ambiente de confiança e compreensão.
- Educação: Para mediar conflitos entre estudantes ou entre professores e alunos.
- Mediação de Conflitos: Em contextos sociais ou políticos para promover diálogos construtivos.

LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

No Brasil, a legislação tem avançado para coibir a violência no ambiente escolar. A Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), é um marco nesse contexto. Essa lei estabelece diretrizes para identificar e combater o bullying nas escolas, promovendo ações educativas e preventivas. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reforça a proteção dos direitos dos estudantes, assegurando sua integridade física e psicológica.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO COMBATE À VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência no ambiente escolar é uma questão complexa que exige a colaboração de diversos setores da sociedade. Entre esses, a família ocupa um papel central e indispensável. Como primeira instituição social que influencia o desenvolvimento emocional, comportamental e ético das crianças e adolescentes, a família desempenha um papel crucial na prevenção e no enfrentamento de atos violentos nas escolas.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE VALORES

A família é o primeiro espaço de aprendizado de valores como respeito, empatia, tolerância e diálogo. Crianças que crescem em um ambiente familiar onde esses princípios são valorizados tendem a replicá-los em suas interações sociais, incluindo no contexto escolar. Ensinar desde cedo a importância de resolver conflitos de forma pacífica e respeitar as diferenças ajuda a criar cidadãos mais conscientes e menos propensos à violência.

COMUNICAÇÃO ABERTA E PARTICIPATIVA
Um dos pilares do combate à violência escolar é a comunicação. Pais e responsáveis devem estabelecer um canal de diálogo aberto com seus filhos, incentivando-os a compartilhar experiências, preocupações e emoções relacionadas ao ambiente escolar. Quando os jovens sentem que podem confiar em sua família, ficam mais propensos a relatar episódios de violência, sejam como vítimas, testemunhas ou até autores, permitindo uma intervenção precoce.

MONITORAMENTO E ACOMPANHAMENTO
É fundamental que a família esteja presente e acompanhe a vida escolar dos filhos, participando de reuniões, conhecendo os professores, colegas e a equipe pedagógica. Essa presença ativa permite identificar sinais de bullying, isolamento ou comportamentos agressivos. Além disso, demonstrar interesse pela rotina escolar fortalece o vínculo entre a família e a escola, criando um ambiente de cooperação para lidar com situações de violência.

EXEMPLO PRÁTICO
As atitudes dos pais e responsáveis servem como modelo para os filhos. Um ambiente doméstico onde os conflitos são resolvidos com diálogo e respeito ensina lições valiosas sobre convivência pacífica. Por outro lado, a exposição a comportamentos agressivos ou negligência no lar pode aumentar a probabilidade de reproduzir tais atitudes na escola.

PARCERIA COM A ESCOLA
A colaboração entre família e escola é essencial. A família deve atuar como aliada na implementação de programas preventivos, como palestras, oficinas e campanhas educativas. Além disso, apoiar as iniciativas escolares e seguir orientações dadas pela instituição fortalece a rede de proteção contra a violência

CULTURA DE PAZ: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA
A Cultura de Paz é um conceito que promove a convivência harmoniosa e o respeito mútuo, buscando soluções não-violentas para os conflitos e cultivando valores como tolerância, solidariedade, justiça e igualdade. Essa abordagem se baseia na ideia de que a paz vai além da ausência de guerras, envolvendo também o desenvolvimento social, a educação, e o fortalecimento das relações humanas. Em diversas partes do mundo, projetos e ações têm demonstrado que é possível construir ambientes mais pacíficos e inclusivos.

PROJETOS E AÇÕES DE SUCESSO NA PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ
1. Escolas Transformadoras (Brasil)
No Brasil, o programa Escolas Transformadoras, uma parceria da Ashoka com outras instituições, busca formar cidadãos conscientes e engajados por meio da educação. Escolas participantes implementam práticas pedagógicas inovadoras, como a mediação de conflitos entre alunos, rodas de diálogo e projetos interdisciplinares voltados para os Direitos Humanos. Essas ações ajudam a construir um ambiente escolar mais colaborativo e respeitoso.
2. Programa "Jovens Construtores de Paz" (Colômbia)
Na Colômbia, um país marcado por décadas de conflitos armados, o programa "Jovens Construtores de Paz" tem capacitado jovens em comunidades vulneráveis para se tornarem líderes comunitários. Eles recebem treinamento em mediação de conflitos, resolução pacífica de problemas e direitos civis. Os participantes implementam projetos em suas comunidades, promovendo espaços seguros para convivência e diálogo.
3. Desarmamento Voluntário (Austrália)
A Austrália implementou uma das iniciativas de desarmamento mais bem-sucedidas do mundo. Após o massacre de Port Arthur, em 1996, o governo lançou um programa de recompra de armas, incentivando a entrega voluntária de armamentos em troca de compensações financeiras. Essa medida reduziu significativamente a violência armada no país, contribuindo para uma sociedade mais pacífica.
4. Cidades Educadoras (Espanha)
A iniciativa das Cidades Educadoras teve origem em Barcelona, Espanha, e se expandiu para vários países. O projeto integra a comunidade na educação e promove ações como espaços de aprendizado coletivo, cam-

panhas contra a discriminação e festivais culturais que fortalecem os laços sociais e o respeito às diferenças.

5. Dia Internacional da Paz (ONU)

Instituído pela Organização das Nações Unidas, o Dia Internacional da Paz (21 de setembro) é uma data simbólica que incentiva atividades de reflexão e ação por uma cultura de paz. Em várias partes do mundo, organizações promovem desde momentos de silêncio e meditação coletiva até campanhas de conscientização e mobilização social.

6. Círculos de Paz (Canadá)

Baseados em tradições indígenas, os Círculos de Paz são uma prática restaurativa usada para resolver conflitos e promover a reconciliação. No Canadá, essa abordagem tem sido amplamente utilizada no sistema de justiça juvenil, oferecendo alternativas ao encarceramento e fortalecendo o vínculo entre os envolvidos.

COMO AVANÇAR NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ

A construção da Cultura de Paz exige o compromisso de todos: governos, organizações sociais, escolas, famílias e indivíduos. Entre as principais ações para promover essa cultura estão:

- Educação para a paz, incorporando temas como empatia, comunicação não-violenta e direitos humanos nos currículos escolares.
- Fomento à participação comunitária, incentivando a cooperação em projetos locais.
- Combate à desigualdade social, reduzindo fatores que alimentam tensões e conflitos.
- Valorização da diversidade, promovendo o respeito às diferenças culturais, religiosas, étnicas e de gênero.

A Cultura de Paz é um processo contínuo que requer esforço coletivo, mas os exemplos de sucesso mostram que essa transformação é possível e necessária para construir um mundo mais justo e solidário.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL:

A educação socioemocional tem se tornado cada vez mais essencial no contexto educacional, pois aborda o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais que são fundamentais para o bem-estar dos indivíduos e para a formação de uma sociedade mais empática e cooperativa. No entanto, muitas vezes, a educação formal foca apenas no conteúdo acadêmico, negligenciando aspectos emocionais e comportamentais dos estudantes. Isso pode resultar em uma falta de habilidades importantes, como a capacidade de lidar com emoções, resolver conflitos e trabalhar em equipe.

Primeiramente, a educação socioemocional contribui para a construção da autoestima e da autoconfiança dos alunos. Ao aprender a reconhecer e gerenciar suas próprias emoções, os estudantes tornam-se mais capazes de enfrentar desafios, tanto na escola quanto em suas vidas pessoais. Eles desenvolvem resiliência, o que os ajuda a superar dificuldades sem comprometer sua saúde mental e emocional.

Além disso, a educação socioemocional fomenta habilidades de empatia e compreensão. Ao aprender a se colocar no lugar do outro, os alunos tornam-se mais solidários e compreensivos, o que facilita a convivência social e reduz casos de bullying e preconceito nas escolas. Dessa forma, contribui para a criação de um ambiente mais inclusivo e harmônico, onde as diferenças são respeitadas e valorizadas.

Outro ponto crucial é o impacto que a educação socioemocional tem no desempenho acadêmico. Estudos demonstram que estudantes que desenvolvem competências socioemocionais apresentam melhor desempenho escolar, pois são mais focados, têm melhores habilidades de resolução de problemas e conseguem administrar melhor seu tempo e suas responsabilidades. As habilidades de autorregulação emocional, por exemplo, ajudam os alunos a lidarem com a ansiedade e o estresse, fatores que frequentemente prejudicam o aprendizado.

A educação socioemocional também prepara os alunos para o mercado de trabalho, onde habilidades como comunicação, resolução de conflitos, liderança e trabalho em equipe são altamente valorizadas. No mundo atual, cada vez mais interconectado e dinâmico, essas habilidades tornam-se essenciais para o sucesso profissional e para o bom funcionamento das empresas e organizações.

Por fim, a implementação da educação socioemocional nas escolas é uma forma de

formar cidadãos mais conscientes, empáticos e colaborativos, que, ao se tornarem adultos, contribuirão para uma sociedade mais justa e equilibrada. Portanto, é imprescindível que o sistema educacional incorpore essa abordagem de forma consistente e integrada, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes, não apenas em termos cognitivos, mas também emocionais e sociais.

CONCLUSÃO

A violência no ambiente escolar exige uma abordagem integrada que envolva educadores, gestores, famílias e o poder público. O fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas e a valorização do papel do professor mediador são fundamentais para transformar a escola em um espaço de convivência pacífica e respeitosa. Dessa forma, será possível construir uma cultura de paz que beneficie toda a comunidade escolar.

A Comunicação Não Violenta não é apenas uma técnica, mas uma filosofia de vida que incentiva a empatia, o respeito e a colaboração. Embora sua prática exija aprendizado e comprometimento, os resultados transformadores que ela proporciona nas relações humanas fazem dela uma ferramenta poderosa para quem busca se comunicar de forma mais consciente e compassiva.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria do Carmo. Mediação de Conflitos no Ambiente Escolar: Uma Abordagem Prática. São Paulo: Cortez, 2011.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz. Campinas: Verus, 2005.

OLWEUS, Dan. Bullying at School: What We Know and What We Can Do. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.

SILVA, José Carlos. A Violência Escolar e Seus Impactos na Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 9 jan. 2025.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 9 jan. 2025.